

O CÍRCULO DE CULTURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE PEDAGOGIA: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

COIMBRA, Camila Lima – FACP/UFU– camilima8@gmail.com
RICHTER, Leonice Matilde – FACIP/UFU rleonice@terra.com.br
VALENTE, Lucia de Fatima – FACIP/UFU valentelucia@yahoo.com.br

Resumo

Este texto visa relatar uma experiência pedagógica realizada no curso de graduação em pedagogia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP - da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Experiências resultantes de um projeto e de vivências que envolveram o curso, entre 2007 e 2008 e que tiveram como culminância o Círculo de Cultura, com o tema: “Sujeitos como Fazedores de História”. Tal experiência foi possível, uma vez que o Curso de Pedagogia foi elaborado a partir de princípios freireanos em que os Círculos de Cultura se apresentam como momento de síntese de cada um dos três ciclos de formação. O tema “Sujeitos como Fazedores de História” é fruto do processo vivido e construído na/com a história de cada um, ao longo dos três semestres. Ficou evidente como esse movimento foi significativo para a formação e aprendizagem dos/as educandos/as, pois, articula os princípios freireanos e a prática progressista. Nesse sentido, o Círculo de Cultura parece ser um caminho possível.

Palavras-chave: Círculo de Cultura; Ciclo de Formação; Princípio Freireanos; Formação Docente.

Abstract

This text aims to report an educational experience held in the course of graduate education in the Faculty of Integrated do Pontal - FACIP - the Federal University of Uberlandia - UFU. Experiences from a project and experiences involving the course between 2007 and 2008 and which had as a culmination Circle of Culture, with the subject matter as makers of history. This experience was possible considering that the course of teaching was developed from freirian principles on which the circles of Culture are presented as a moment of synthesis of each of the three cycles of training. The subject matter as makers of history of the first cycle is an outcome of the case lived in and built / with the history of each. Evaluating such experience was evident as this movement was significant for training and learning of / the learners / the course of graduate education in the FACIP / UFU therefore seeking to give coherence between principles and practice freireanos progressive, the Circle of Culture seems to be a way as possible.

Keywords: Circle of culture; Cycle Training; Principle Freireanos; Teacher Training.

Este texto tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica realizada no curso de graduação em pedagogia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP - da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Experiências resultantes de um projeto e de vivências que envolveram o curso entre 2007 e 2008 e que tiveram como culminância um Círculo de Cultura, com o tema o sujeito como fazedores de história.

Essa proposta surge de um Projeto Político Pedagógico do curso de graduação em Pedagogia da FACIP/UFU que teve como característica fundamental o seu processo de construção coletiva realizado pelos professores do curso. Esse diferencial propiciou

aos professores a possibilidade de criar uma proposta pedagógica para o curso de Pedagogia, frente às Diretrizes Curriculares Nacionais, aprovadas em 2006. (Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de Maio de 2006.)

Com esta “liberdade criativa”, os professores fundamentaram o Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia em princípios freireanos, que sustentam as diretrizes metodológicas e avaliativas do curso, quais sejam: compreender que o processo educativo tem um caráter político que precisa ser identificado; perseguir a ética nas relações humanas sob a forma de respeito com o outro; participar de uma vivência democrática; dialogar; corporeificar as palavras pelo exemplo; respeitar o contexto cultural; compreender o uno e o diverso, o eu e o outro em uma relação dialógica. Esses conceitos *freireanos* sustentam uma concepção de educação, em uma relação dialógica de construção do conhecimento.

O primeiro deles é a compreensão de que o processo educativo tem um caráter político que precisa ser identificado, ou seja, “não há nem jamais houve prática educativa em espaço e tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com idéias preponderantemente abstratas e intocáveis” (FREIRE, 1992, p.78)

O segundo apresenta-se como um conceito, talvez ainda abstrato na sociedade em que vivemos, porém é necessário persegui-lo: a ética nas relações humanas sob a forma de respeito com o outro. “O que sobretudo me move a ser ético é saber que, sendo a educação, por sua própria natureza, diretiva e política, eu devo, sem jamais negar o meu sonho ou minha utopia aos educandos, respeitá-los.” (FREIRE, 1992, p.78)

A democracia, na vivência e concepção *freireana*, é o terceiro princípio que sustenta esta concepção de educação. “Minha questão não é negar a politicidade e a diretividade da educação, tarefa de resto impossível de ser convertida em ato, mas, assumindo-as, viver plenamente a coerência entre a minha opção democrática e a minha prática educativa, igualmente democrática.” (Ibid, p.79)

O quarto princípio, o diálogo com respeito às diferenças de idéias e posições. “Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente.” (FREIRE, 1996, p.153)

Diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos, ou seja, “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”. (Ibid.,38) Este quinto princípio, sustentáculo de uma concepção de educação que se pretende progressista, também se

relaciona à necessária articulação entre a teoria e a prática na atividade e formação docente.

O sexto princípio que se relaciona a outros já enunciados é a necessidade do respeito ao contexto cultural. “O respeito, então, ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. ‘Seu’ mundo, em última análise é a primeira e inevitável face do mundo mesmo.” (FREIRE, 1992, p.86)

A perspectiva de compreender o uno e o diverso, o eu e o outro em uma relação dialógica, faz-se importante enxergar as relações imbricadas entre o local e universal numa relação ética e, ao mesmo tempo, dialética como o sétimo princípio. “Para mim vem sendo difícil, impossível mesmo, entender a interpretação de meu respeito ao *local*, como negação do *universal* (...) Creio que o fundamental é deixar claro ou ir deixando claro aos educandos esta coisa óbvia: o regional emerge do local tal qual o nacional surge do regional e o continental do nacional como o mundial emerge do continental.” (Ibid, p.87)

Incorporar os sujeitos como **fazedores** de história apresenta-se como oitavo princípio, pois,

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança. (...) Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu caminho que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao caminho que estão fazendo e que assim os refaz também. (FREIRE, 1992, p.91 e 97)

Sustenta-se, assim, uma concepção de educação *freireana* em que os processos educativos trazem novos significados tanto para o professor e professora quanto para os educandos.

Na linha progressista, ensinar implica, pois, que os educandos, em certo sentido, penetrando o discurso do professor, se apropriem da significação profunda do conteúdo sendo ensinado. O ato de ensinar, vivido pelo professor ou professora, vai desdobrando-se, da parte dos educandos, no ato de estes conhecerem o ensinado. Por sua vez, o(a) professor(a) só ensina em termos verdadeiros na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se apropria dele, em que o apreende. Neste caso, ao ensinar o professor ou a professora re-conhece o objeto já conhecido. Em outras palavras, refaz a sua cognoscitividade na cognoscitividade dos educandos. (...) Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A

curiosidade do(a) professor(a) e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar-aprender. (Ibid, p.81)

Dessa forma, o fundamento que norteia este Projeto transcende uma concepção restrita de educação, identificando-a como uma importante ação humana em um processo de construção/conscientização para uma sociedade menos excludente. “Uma educação humanizada é o caminho pelo qual homens e mulheres podem se tornar conscientes da sua presença no mundo. A maneira como atuam e pensam quando desenvolvem todas as suas capacidades, tomando em consideração as suas necessidades. Mas também as necessidades e aspirações dos outros.” (CIRIGLIANO, 2001, p.95)

De acordo com Camargo (2001, p.69) em seu artigo sobre a atualidade de Freire,

Os cursos de Pedagogia não podem prescindir da criação de profissionais que atendam a educação como um projeto político e que, ao mesmo tempo, rompam as múltiplas formas de dominação e ampliem os princípios e práticas da dignidade humana, liberdade e justiça social. Por isso, devem ser profissionais capazes e compromissados com o zeramento das carências educacionais, em especial daquelas que afastam o homem de sua história, de sua identidade, de sua cidadania. Ensinar não se resume ao simples ato de estar em uma sala de aula. É mais amplo. Ensinar significa, no pensamento *freireano*, estar *com* o mundo.

Dessa forma, os componentes curriculares do Projeto foram organizados a partir dos objetivos de cada ciclo de formação, agregando temáticas e possibilidades de aprofundamento das áreas do conhecimento que conseguissem discutir os princípios enunciados pela formação em ciclos. Cada disciplina tem como responsabilidade a discussão, sob a sua ótica, da temática de construção do Ciclo de formação.

A organização em ciclos de formação ou de desenvolvimento humano traz o sujeito da aprendizagem, com todas as suas dimensões, para o centro do processo educativo. Nessa perspectiva, os ciclos visam introduzir na organização curricular uma temporalidade que leva em conta o caráter processual da construção do conhecimento e as especificidades do momento de formação do aluno.

O primeiro ciclo representa a temática: **os sujeitos como *fazedores de história*** e corresponde aos três primeiros semestres letivos do curso. Tem como objetivo analisar a educação e a instituição escolar, o pensamento pedagógico, os sistemas educacionais e a profissão docente e do gestor educacional em seus processos de construção histórico-social. Além disso, discutir e refletir junto aos Projetos Integrados de Práticas Educativas – PIPEs - sobre a experiência educativa dos alunos do curso, porque a concepção de formação presente nesse projeto parte dos saberes já construídos pela

experiência vivida, na perspectiva de compreensão dos sujeitos como *fazedores* de história.

Nesta perspectiva, os PIPEs iniciam o que é denominado no Projeto como o **eixo da práxis educativa**, que percorre o curso do primeiro ao quinto semestre, com a seqüência de organização nos Estágios supervisionados e Trabalhos de Conclusão de Curso. Este eixo pretende possibilitar aos alunos e professores o “aprender a aprender” com a pesquisa, contextualizando e proporcionando problematizações advindas da realidade que consigam articular à produção de conhecimento na área de atuação.

Assim, mais do que simplesmente expressarem um caminho fixo e único, o **eixo da práxis educativa** do curso de Pedagogia expressa propostas que visam fomentar investigações, reflexões e proposições de atividades práticas consideradas importantes para a formação do/a pedagogo/a, dando sustentação para os ciclos de formação.

Assim, os componentes curriculares que circulam neste Projeto conduzem a uma possibilidade de integrar saberes e práticas em uma unidade dialética de organização da formação inicial do pedagogo na FACIP/UFU que integram as disciplinas obrigatórias, o eixo da práxis educativa e os ciclos com os Círculos de Cultura como articuladores dos saberes trabalhados em cada momento do curso.

Nesse sentido, os Círculos de Cultura são espaços em que dialogicamente se ensina e se aprende. Em que se conhece ao invés de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produz conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimentos feitas pelo educador(a) ou sobre o educando. Em que se constrói novas hipóteses de leitura do mundo. Ou seja, é um lugar onde todos têm a palavra, onde todos lêem e escrevem o mundo. É um espaço de trabalho, pesquisa, exposição de prática, dinâmicas, vivências que possibilitam a construção coletiva do conhecimento.

Sendo assim, ao final de cada Ciclo, os **Círculos de Cultura** tem como objetivo propiciar essa síntese de cada ciclo de formação. Nesse momento, ao fim do primeiro ciclo, tornou-se evidente a emergência de diferentes temas/sínteses, frutos do processo vivido e construído na/com a história de cada um. História que temos como propósito compartilhar neste relato.

Para a concretização do Círculo houve o envolvimento de vários atores, todos/as os/as professores/as do curso, os educandos/as, monitores/as, além da participação institucional e de parceiros como a Secretaria Municipal de Educação de Ituiutaba e a Fundação Cultural da cidade.

Nesse sentido, organizamos uma semana denominada Paulo Freire: Mostra e Círculo de Cultura onde fluíram vários diálogos. No primeiro dia, tivemos uma Conversa com os professores com três palavras geradoras: Autonomia, Ruptura e Criticidade em que organizamos três momentos/espços de reflexão e diálogo sobre as mesmas. No espaço da Autonomia realizamos um trabalho com a argila, para emergir as questões referentes à formação da autonomia vivenciada pelos/as educandos/as ao longo dos três semestres letivos. No segundo espaço, a ruptura foi vivenciada a partir de um brinde aos rompimentos de uma cultura tradicional de educação para uma perspectiva progressista. Cada educando/a realizou o seu brinde, a partir de suas vivências e conflitos que uma formação transformadora pode proporcionar. No terceiro espaço, a criticidade foi provocada a partir de pintura em tecido, coletiva, em que os/as educandos/as tiveram a oportunidade de re-viver questões problematizadoras dos componentes curriculares dialogados nos três semestres. Ao final da circulação nesses três espaços, houve um momento coletivo em que cada educando/a levou um retalho para “costurar” a sua participação nessa Conversa, compreendendo-nos como sujeitos fazedores da história.

No segundo dia foi uma Conversa entre/com os alunos do curso de Pedagogia da FACIP. Os/as educandos/as tiveram a oportunidade de criar a sua forma de sintetizar o processo de formação vivenciado nos três semestres. A opção foi a realização de uma apresentação teatral contando a trajetória de construção do conhecimento enquanto descobridores de cada um, como sujeitos fazedores de história.

No terceiro dia, promovemos um diálogo com a Universidade, em que convidamos parceiros de trabalho que acompanharam todo o processo de elaboração do Projeto do curso e conseqüentemente do Círculo, para estabelecer um diálogo sobre o ensino e a extensão na Universidade.

O Diálogo com a prática educativa aconteceu no quarto dia do Círculo em que buscamos uma aproximação com a realidade educacional do município de Ituiutaba. Foram convidados vários professores das escolas municipais que compartilharam suas experiências do cotidiano escolar.

Por fim, no último dia, circulamos entre/com a cultura e a arte local, em que convidamos dois grupos culturais da cidade: um grupo de catira e o coral municipal para encantar e encerrar esse momento de construção e reflexão coletiva.

Ao final desse momento de síntese, denominado Paulo Freire: Mostra e Círculo de Cultura fizemos um movimento para o registro das reflexões e aprendizagens

realizadas ao longo da semana, em que os educando/as relataram o significado desse processo em sua formação.

“Estarmos juntas, de igual para igual, no chão, nos aproxima mais, e é muito bom ver que sou igual a todos.” (Angélica)

“Pensei muito no que Freire diz sobre termos fé ao dialogar com o outro, pois teremos antes de acreditar nesse outro.” (Valéria)

“ (...)representou para mim um momento de aprendizagem, de ensino, de interação com o outro, de mudança de visão, ao mesmo tempo em que houve diversão, prazer.” (Fernanda)

“O Círculo de Cultura é ‘prova’ que podemos fazer diferente e que a educação pode e deve ser feita para todos através do diálogo.” (Telma)

“Proporcionou-nos a troca de experiências, vimos que cada um que estava ali, naquele momento, tinha algo para contar. Isso me mostrou que essa troca é muito importante.” (Nayara)

“Fiquei muito feliz e empolgada, pois pudemos expor nossos pensamentos, criar e brindar as rupturas que estamos dispostas a fazer.” (Daiane)

Esses fragmentos dos registros conseguem demonstrar o quanto esse movimento foi significativo para a formação e aprendizagem dos/as educandos/as do curso de graduação em Pedagogia da FACIP/UFU. Buscando dar coerência entre os princípios freireanos e a prática progressista, o Círculo de Cultura parece ser um caminho possível.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Ministério da Educação. *Resolução do CNE/CP nº 1/06*. Brasília, 2006.

CAMARGO, Fábio Manzini. A atualidade de Freire nos cursos de Pedagogia. In: FREIRE, Ana Maria Araújo. (Org.) *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, 9ª edição. 218 p.